

Santo Amaro: onde a dificuldade vira rotina e suas múltiplas dimensões, uma análise à luz da Folkcomunicação¹

Renata Regis Brandão Maciel de Araújo²

Betania Lemos Maciel³

Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA

Centro Latinoamericano de Estudos em Cultura – CLAE

Resumo

A partir da precariedade vivida no bairro de Santo Amaro, Recife e sob a perspectiva da Folkcomunicação, exploramos as múltiplas dimensões da marginalização, que transcendem os problemas materiais como falta de saneamento e violência. A influência simbólica do ambiente, exemplificada pela presença dos cemitérios históricos, que adicionam uma “dupla carga simbólica” de melancolia e afetam o comportamento e o “senso de lugar” da comunidade. Reforçamos a necessidade de intervenções integradas que abordem tanto a infraestrutura física quanto os impactos psicossociais e simbólicos da precariedade, valorizando a resiliência psicossocial das comunidades vulneráveis.

Palavra-chave: Precariedade urbana, Impacto psicossocial, Desigualdades socioambientais, Dessensibilização, Símbolos urbanos.

No bairro de Santo Amaro, antigo no Recife, a vida difícil não é apenas um conjunto de problemas físicos como esgoto a céu aberto ou violência; ela se torna parte da própria narrativa comunitária, moldando o modo como as pessoas se comunicam e entendem seu lugar no mundo. A dificuldade vira rotina e é tema constante das conversas informais, dos saberes locais sobre como sobreviver e dos relatos que circulam nas ruas, feiras e lares. A sensação de medo e a precariedade do saneamento não são apenas estressores ambientais, mas elementos que compõem o folclore do cotidiano, gerando expressões populares de queixa, resignação ou até humor ácido. Este ambiente molda as formas de interação social e a rede de comunicação popular.

Santo Amaro, com suas muitas faces, tem grupos *folk* distintos que coexistem. Aqueles na precariedade extrema vivem e comunicam a dificuldade de forma visceral. Já os que estão em áreas menos castigadas, ou os que apenas transitam, participam de outros fluxos comunicacionais sobre o bairro. O estudante que passa de ônibus vê a precariedade como uma “paisagem triste”, uma imagem que não toca sua realidade comunicacional imediata; a miséria alheia é percebida, mas não integrada à sua rede de

¹ Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Arquiteta. Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA. Email: renataregis.arq@gmail.com

³ Doutora em Comunicação Social, professora titular da Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA. E-mail: betaniamaciel@gmail.com.

comunicação de pertencimento. Esta dessensibilização, sob o olhar da Folkcomunicação (Beltrão, 1980; Marques de Melo, 2008) pode ser vista como uma barreira comunicacional, onde a gravidade da situação não encontra canais efetivos para ser transmitida ou integrada à agenda dos grupos mais distantes ou da própria sociedade hegemônica (WOITOWICZ; Fernandes, 2018; Peruzzo, 2014).

Mesmo para quem mora ali, mas em condições menos precárias, a dificuldade dos vizinhos mais pobres, a violência e a falta de serviços básicos permeiam as conversas comunitárias. A precariedade alheia, vista e comentada no dia a dia, também se torna “parte do lugar” na narrativa coletiva, ainda que vivida com menor intensidade. Esta normalização, ou a dificuldade “virando costume”, é um processo comunicacional complexo. Para quem a vive na pele, essa “normalidade” se manifesta em um discurso de cansaço e aceitação resignada que circula pela comunidade – “parece que não tem jeito”, “a luta é grande demais”. Essa narrativa fatalista pode minar a capacidade de comunicação de demandas, levando a um silêncio sobre a necessidade de uma vida mais digna. Diante desse panorama, propomos a Folkcomunicação como forma de ouvir e analisar esses relatos, esses saberes de sobrevivência e as formas de comunicação que emergem dessa realidade, conectando-se com estudos da Comunicação Comunitária e do urbanismo (Miani, .2006; Maricato, 2000)

Particularmente, os cemitérios históricos, Santo Amaro e dos Ingleses, são símbolos poderosos que permeiam o imaginário popular e as narrativas sobre o bairro. A proximidade com a morte e o luto se mistura à história local (General Abreu e Lima, a presença britânica), criando uma dupla carga simbólica que é comunicada de diversas formas: nas escolhas de rotas, nos locais para almoçar (evitar o entorno do cemitério é uma comunicação não-verbal de desconforto), e na própria especialização do comércio (floriculturas, casas funerárias). Essa presença simbólica influencia a comunicação cotidiana e o senso de lugar (Santos, 2014), gerando uma tensão entre a vida vibrante (mercados, instituições) e a presença constante da morte.

A falta de segurança, associada à baixa movimentação de pedestres e alta de veículos, cria um ambiente que comunica isolamento e hostilidade. A rua vazia de pessoas é um sinal que desestimula a apropriação do espaço público e limita as oportunidades de comunicação face a face que fortalecem os laços comunitários. Esta configuração urbana dificulta a formação de redes de comunicação popular e de apoio mútuo, essenciais para o enfrentamento coletivo.

Apesar de toda a dificuldade, o bairro revela uma capacidade de comunicação e organização popular latente. Os mutirões de limpeza, as redes informais de cuidado (que se baseiam na confiança e na circulação de informação sobre as necessidades dos vizinhos), e os espaços de socialização são formas de comunicação e resistência que emergem do próprio seio da comunidade. A iniciativa de ressignificar os cemitérios através de visitas educativas é um ato consciente de re-comunicação simbólica, transformando um elemento de tristeza em fonte de orgulho e conhecimento histórico. Essas ações demonstram que a agência popular encontra canais de comunicação e expressão mesmo nas condições mais adversas.

Através da lente da Folkcomunicação, destacamos que a precariedade não é apenas uma questão material ou psicológica, mas um fenômeno que permeia a cultura e a comunicação da comunidade. Compreender como a dificuldade é narrada, compartilhada e enfrentada pelos próprios moradores, através de seus canais informais, saberes locais e práticas culturais, é necessário para pensar em intervenções que sejam efetivas e que respeitem a voz e a agência da população. Políticas públicas eficazes precisam dialogar com essas dinâmicas comunicacionais populares, reconhecendo a força da comunicação comunitária como forma de resiliência e transformação social.

Referências

- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.
- MARQUES DE MELO, José. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.
- MARICATO, Ermínia. Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras. **São Paulo em Perspectiva**, v. 14, n. 4, p. 21-33, 2000.
- MIANI, Rozinaldo. Comunicação Comunitária: uma disciplina de formação sociopolítica e de intervenção social. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 29, n. 2, jul./dez. 2006.
- SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 7 ed. São Paulo: EDUSP, 2014.
- PERUZZO, Cicilia M.K. Comunicação para o desenvolvimento, comunicação para a transformação social. In: MONTEIRO NETO, A. (org.). **Sociedade, política e desenvolvimento**. Brasília: Ipea, 2014. p. 161-195.
- WOITOWICZ, Karina Janz; FERNANDES, Guilherme Moreira. José Marques de Melo e a história da folkcomunicação: Contribuições para o estudo da comunicação dos marginalizados. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 7, n. 2, jul./dez. 2018.